

PROF. ROCHA BRITO

AS TERMAS DE CONIMBRIGA

Separata de
CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA
N.º 5-1943



Composto e impresso na
Tip. da «União Gráfica»
Rua de Santa Marta, 48
Lisboa 1943

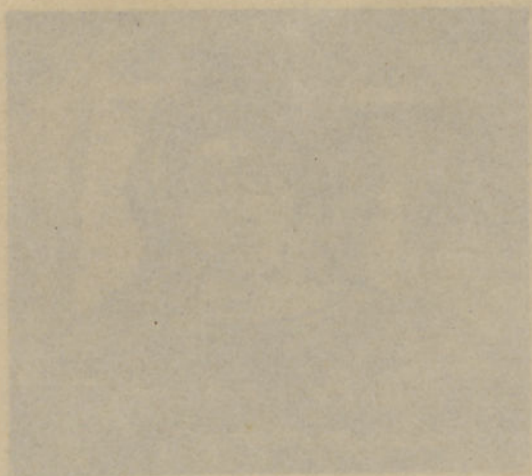
RC
MNCT
90
BRI

AO PROF. VERGILIO CORREIA
MESTRE E AMIGO

AS TERMAS DE CONIMBRIGA

Sempre que em Coimbra se organiza uma excursão ás ruínas da milenária cidade lusoromana, chegado pelo Professor Vergílio Correia, a quem dedica estas rápidas impressões, ingenuas de seta e de lança, há de sempre falar e de ouvir as vezes muito muito mais rico do que eu. Entenda-se bem, mais rico de conhecimentos e de vida, mas não de alguma alegria espiritual que estas coisas do passado despertam nas almas por pequena que seja a nossa cultura histórica e o nosso amor ao território.

Ainda, tanto ido dezenas de vezes em companhia de mestres e estudantes do Curso de Letras da Faculdade de Letras, assisti fui a al-



Das ruínas da vivenda romana



NO PODEMOS ENTENDER O QUE
O SEU TEXTO QUER DIZER

AS TERMAS DE COMBARIEGA

As Termas de Combariega são um dos pontos mais interessantes da região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Situada a poucos quilómetros da fronteira com Espanha, esta cidade romana conserva vestígios de uma civilização que floresceu há mais de dois mil anos. O núcleo urbano, rodeado por muralhas, contém ruínas de templos, banhos e casas, que testemunham a importância da cidade durante o Império Romano. A paisagem ao redor das termas é deslumbrante, com montanhas e vales que oferecem uma vista deslumbrante da região.

As Termas de Combariega são um dos pontos mais interessantes da região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Situada a poucos quilómetros da fronteira com Espanha, esta cidade romana conserva vestígios de uma civilização que floresceu há mais de dois mil anos.



AS TERMAS DE CONIMBRIGA

Sempre que em Coimbra se organiza uma excursão às ruínas da milenária cidade luso-romana, chefiada pelo Professor Vergílio Correia, a quem dedico estas rápidas impressões, impossíveis sem êle, eu nunca falto e de tôdas as vezes tenho vindo mais rico do que fui. Entenda-se bem, mais rico de conhecimentos bebidos na fonte e daquela alegria espiritual que estas coisas do longínquo passado despertam nas almas, por pequena que seja a nossa cultura histórica e o nosso amor ao torrão.

Assim, tenho ido dezenas de vezes em companhia de mestres e estudantes do Curso de Férias da Faculdade de Letras, assim fui a úl-



Um mosaico da vivenda extra-muros



CENTRO DE ESTUDOS VERGILIANOS
ROMULO DE CARVALHO

RC
1961
90
BRI

tima vez em Maio dêste ano com a excursão realizada pela feliz iniciativa da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Num luminosíssimo domingo de Agôsto, as duas camionetas estavam a postos à entrada da ponte e às três horas partíamos em bando alegre, todos contagiados pelo esplendor da luz e pela mocidade do maior número, estrada fora de Lisboa, a caminho de Condeixa-a-Velha, nome português da Conímbriga luso-romana. Apesar da pressa de chegar apeámo-nos ao alto da Ladeira do Inferno, designação só compreensível por antítese, no sítio em que o moderno miradoiro permite dominar os campos do Mondego e a sua linda cidade alandorada na colina sagrada.

Era, em verdade, um espectáculo do Paraíso e, enquanto o erudito professor de geografia expunha proficientemente o seu tema, todos nós e mais ainda os estrangeiros, nos estasiávamos diante daquêlles deslumbramento, sempre novo em cada hora.

Um sol criador, olímpico, batia de chapa no casario branco, dominado pela acrópole universitária, refulgente entre os dois azues puríssimos — o do céu e o do rio — êste, salpicado de amarelo pelas suas areias brilhantes e mais abaixo marginado pelo verde metálico das oliveiras fecundas e embebedadas de sol para se transformarem em oiro líquido. Finda a lição, lá partiu a turba alegre e confiante, levando na retina o quadro forte, de tintas vivas. Chegando ao terminus de Condeixa-a-Nova, as camionetas abandonam a estrada de Lisboa e tomam a nova e bela estrada que conduz às ruínas, seguindo o mesmo traçado da via romana, que da cidade de Ulisses conduzia a *Bracara Augusta*, depois de passar por *Sellium* isto é, Tomar e por *Aeminium*, ou seja Coimbra. As camionetas param ante as possantes e altas mu-

ralhas que avultam de longe; todos saltam lépidos para cima das lages romanas, que o tempo vai puindo, anciosos por ouvirmos as explicações do mestre.

Vergílio Correia, para nos dar a ilusão da realidade conimbrigense, recebe-nos, diz êle, como se fôsse um dos *duumviros* locais, o outro seria o architecto Baltazar de Castro; à sua volta dispõem-se os visitantes. Historiou as obras da escavação, lembrou-se de todos desde 1899, António Augusto Gonçalves e Mendes dos Remédios, mas modestamente esqueceu-se de si, a quem se deve a parte do leão. É êle quem desde 1929, primeiro trabalhando só para a sua Faculdade de Letras, depois a partir de 1930 na Direcção Geral dos Edifícios Nacionais, com tenacidade persistente e superior inteligência, tem desencantado a maravilhosa *Civitas* que durante séculos jazera sepultada sob uma capa de terra, felizmente, capa protectora contra a acção do tempo e a dos homens, mil vezes pior.

Graças à iniciativa desse espírito organizador, aos poucos, têm emergido para prazer dos olhos e proveito dos estudiosos tôdas as peças, as esplêndidas peças que faziam de Conimbriga uma importantíssima cidade romana, como esta o era em verdade, pois o Bispo Idácio apenas refere na Província Lusitana ao lado de Conimbriga as notáveis cidades de Emerita, Olissipo e Brachara.

Precedera-a no mesmo sítio, cêrca de quinze quilómetros para o sul de *Aeminium*, a cidade lusa, que também tinha a sua muralha, totalmente desaparecida. A Conimbriga dos lusitanos era, pois, um *oppidum* ou cidade fortificada.

Com a derrota de Viriato e dos bravos companheiros que não poderam com ás suas guerrilhas móveis, talento militar e patriotismo in-

dómito resistir ao colosso das legiões romanas, a Lusitânia foi considerada província do Império e os seus íncolas depressa assimilaram a alta civilização do invasor. A lusa Conimbriga passou para mãos romanas, tornando-se uma das mais ricas e belas cidades da nova província, mesmo luxuosa. Romanizou-se. Supõe Vergílio Correia que esta mudança se teria dado no ano 138 a. C. quando se fêz a expedição do cônsul Décimo Júnio Bruto.

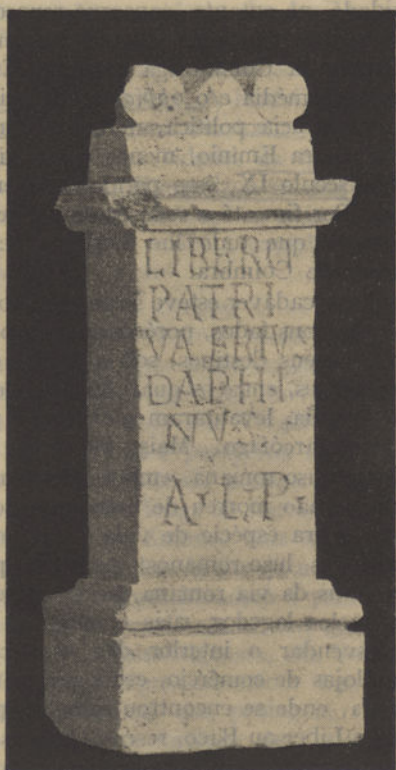
Se Conimbriga chegou a ser município romano não o sabe dizer o nosso guia, mas foi pela certa uma das mais importantes das 36 *civitates* estipendiárias da Província, segundo afirma Plínio, citado por Vergílio Correia.

A cidade viveu e prosperou feliz sob os romanos; a sua influência política e religiosa estendia-se até bem longe ao norte, ultrapassando a nossa avoenga Emínio. Mas os bárbaros espreitavam-na, roídos de inveja e aí por 464 ou 465 d. C. os Suevos invadem a pacífica cidade e voltam, mais crueis ainda, em 468. É entretanto que os Conimbrigenses, diz Vergílio Correia, levantam apressadamente êsse trôço de possantes muralhas que protegem a cidade a oriente. A *civitas* torna-se de novo *oppidum*. Todos e tudo servem na obra febril; sacrifica-se a mais bela e mais rica parte da cidade que se deixa de fora da muralha sem protecção, naturalmente para encurtar o comprimento daquela. E ergue-se apenas um lança de muralha, porque o triângulo onde assenta a cidade é defendido do lado sul pelo rio dos Mouros, que corre impetuoso no fundo da ravina e do lado norte pela encosta que desce alterosa.

Mas, não obstante as defesas naturais e a muralha levantada à pressa, o *oppidum* pacífico é incendiado, arrasado, passado à espada. As pedras calcinadas ainda existentes, atestam a barbárie dos suevos.

A cidade, no entanto, consegue renascer das cinzas, mas já não tem o esplendor, nem as comodidades da Conímbriga romana. Estamos na alta idade média e o oppidum renascido viu a sua importância política, militar e comercial transferida para Emínio, menos o seu bispado, que até o século IX, êsse permaneceu em Conímbriga. Por fim até a sede episcopal se passa para Emínio que tudo lhe herdou, mesmo o doce nome de Coimbra.

O próprio cadáver esteve soterrado e bem escondido. Os bons fados, porém, que sempre presidiram aos seus destinos, sob a forma de homens eminentes, entre os quais e acima de todos Vergílio Correia, levantaram a enorme e pesada tampa do sarcófago. Mais uma vez a bela Conímbriga luso-romana, embora desmantelada e em ruínas não morreu de todo ou antes passou a ter outra espécie de vida e nós, os descendentes dos luso-romanos, podemos passear pelo terminus da via romana, pelos vestígios do viaduto, pelos lagedos, ruas e «praças» da cidade, desvendar o interior das suas casas e palácios, lojas de comércio, estalagens e mesmo uma adega, onde se encontrou uma ara portátil dedicada a Liber ou Baco, reconstituír as pinturas murais, admirar os lindos mosaicos, que revestem os pavimentos, bicrómicos e policrómicos, de assuntos mitológicos, desportivos, animais, geométricos, recrear os olhos nos tanques e lagos, imaginar os jogos de água e repuchos, estudar as obras de engenharia do aqueduto, os tubos colectores, as canalizações e a rede de esgotos, os túmulos e até as latrinas subterrâneas, mas acima de tudo as termas completas e magníficas, ostentando tôdas as peças dum rico e formoso balneário romano, que não tendo a magestade e sumptuosidade das termas dum Caracala ou dum Diocleciano, é das mais extensas e feitas da Península. Faltam-lhes, é verdade,



Altar portátil dedicado a Liber ou Baco. Diz: Libero Patri Valerius Daphinus. A. L. P.

paredes e tectos, mas o que ficou chega para nos dar uma idéia da grandeza, perfeição e ordenação técnica, que presidiram à realização destas termas, cujos pavimentos e subestruturas atestam a pericia dos architectos e engenheiros romanos, mestres consumados na arte, em que Vitruvius pontificou.

Vergílio Correia, entusiasmado perante os seus alunos dum dia, começa por mostrar mi-



Tanque junto do aqueduto que se supõe ter servido de reservatório da água

nuciosamente as ruínas que estão fora da muralha, salientando o valor architectural da mais rica e linda vivenda de toda a cidade, certamente a maior, com os seus 50 metros de comprimento. Tenho pressa em ir com todo o vagar ver e tirar fotografias das termas *intra-muros*. Por isso, só por esta vez, deixo o mestre, dizendo aos alunos:

«Sobre um terreiro irregularmente lageado, como a via vizinha, abria-se um amplo pórtico, apoiado exteriormente sobre pilastras com colunas adossadas, de cantaria local. E desse pórtico, passava-se a um vestibulo absidal, com serventia privada pelo lado direito, que precede o ostium com as *januae* externa e interior, e o átrio, donde por larga abertura flanqueada de passagens estreitas como de *alae*, ou *fauces*, se alcançava o *cavedium* com *colunata*, em cujo eixo se divisava um salão nobre da casa, *tablinum*, *oecus* ou *exedra*, exteriormente rebordado de um tanque.

Estas divisões axiais estão acompanhadas por vários compartimentos que comunicam directa ou indirectamente com o *cavaedium*, ha-

vendo do lado direito um conjunto de câmaras distribuídas à volta de outro pequeno pátio, espécie de átrio-lararium, ou penetralia, com fonte no impluvium (no qual se descobriu uma árvula consagrada a L (aribus). Aquitibus, correspondendo a esta espécie de insula doméstica, da outra banda do pátio central, novo impluvium, e envolvendo ainda a cabeceira do oecus o tanque referido, sem colonata, para lá do qual se estendia certamente um orto ou viridarium. Dêste mesmo lado, em plano mais baixo, servidas por escada de dois lanços, acompanhada de encanamento utilizado para o despejo das águas dos tanques, ficavam as latrinas.

O dispositivo oferece-nos um exemplo felicíssimo de grande moradia burguesa da época imperial avançada, obedecendo nas linhas gerais às tradições construtivas gregas e romanas, mas sem subordinação servil. O arquitecto soube tirar partido, tal como aconteceu também no palácio das termas, intra-muros, da abundância da água que o aqueduto proporcionava à cidade; donde surgiu a multiplicação dos pátios nos dois edificios e o número dos recipientes a céu aberto, que serviram quer de elementos decorativos, quer para fins de utilidade, rega ou viveiro. A feição dada às «praças» dos pátios, ocupadas por tanques de canal envolvente e canteiros rebordados de mosaico, nunca, que eu conheça, encontrou no mundo romano, tal desenvolvimento.

Segundo o costume, os pavimentos são todos de opus vermiculatum, mono, bi e policrómico, de desenho geométrico, simples ou com «emblemas» engastados.

Os mosaicos dêste magnífico palácio sobrelevam a todos os descobertos até hoje em Conímbriga, quer pela riqueza decorativa, quer pela beleza e perfeição das figurações, que em

globo excédem mesmo tudo quanto em Portugal se conhece do género. Exceptuada a grande composição de figuras, proveniente do Ameixial (Alentejo), exposta no Museu Etnológico Português de Belém, nada há no país de comparável aos mosaicos conimbrigenses.

Alguns dos mosaicos apresentam decoração geral figurada, com emblemas quadrados ou rectangulares no centro, envolvidos ou acompanhados por motivos animalistas, aves, peixes, feras, cada qual em sua reserva circular ou dispostos entre estas reservas; noutros de ornato geométrico, os emblemas estão colocados no meio, ou a distâncias regulares um dos outros, como nas naves do grande pátio central.

Entre os emblemas há que salientar algumas cabeças, masculinas e femininas, um grupo de um elefante e um camelo, um personagem marinho, e a ilustração de uma caçada aos veados por quatro cavaleiros, documento precioso para o conhecimento do sistema de caçar e da indumentária. Há mais no capítulo da mitologia uma representação de Sileno, calvo e ventruado sobre o seu burro, e episódios das aventuras de Perseu».

Entro no *oppidum*, que tem a forma dum promontório como diz Vergílio Correia, ou dum comprido triângulo, cujo lado menor é dado pela muralha. Entro pela primeira porta da muralha e subo à esquerda, deixando a segunda porta, passo sob o arco do aqueduto, dou um golpe de olhos à direita para a casa «dê andar térreo e sobrado, cujas lojas foram utilizadas para prática de officios ou comércio e uma delas para estalagem» e eis-me emocionado, como sempre, diante do *Palácio das Termas*.

Não é tão grande, nem tão rico, como o que fica fora da cerca, mas é ainda magnífico, formado por «divisões de dimensões variadas,



Outro mosaico representando o Sileno no burro



Mosaico representando «Perseu»



O elefante, a árvore e o camêlo, **mosaico do palácio extra-muros**



Mosaico do Palácio extra-muros, representando um «personagem marinho»

distribuídas em volta de três pátios interiores de colunatas e *impluvium*, naves e *tracina*, pavimentados de mosaicos bicrómicos e policrómicos».

Este palácio comunicava com as termas que, sófrego, visito vagarosamente, com um espanto que não diminui de excusão para excursão.

Lá estão as subestructuras de tódas as peças constitutivas dos balneários romanos, lá estão os tanques e piscinas, por onde se desce por uns degraus, os repuchos e jardins, que dão frescura e graça, lá está a complicada rêde de canalizações, que são abastecidas de água pelo aqueduto que a trás abundante de Alcabideque, uma légua mais longe e a rêde de esgotos que leva a água já servida. Lá estão, sobretudo to dos os compartimentos do *hypocaustum*, bem conservados, com as suas abóbadas revestidas de tijolo argamassado e assentes em suportes ou *suspensurae*; era por baixo dessas abóbadas, uma delas bem curiosa de forma hexagonal, que se acendiam as fornalhas para aquecimento da água e do vapor.

Sobre o hipocausto assentavam as salas do *Laconicus*, do *Tepidarium* e do *Caldarius*, aquecidos ou mesmo sobreaquecidos sob a vigilância do *fornacator*.

A seguir, fora já do hipocausto, está o *Frigidarium*, reservado ao banho frio. Para as piscinas descia se por umas escadas — duas em cada piscina — se o banhista, um pouco mais afoito não queria atirar-se de mergulho.

Lá está o *Ninféu*, dedicado às Ninfas, com seus interessantes mosaicos.

Pela extensão e riqueza destes balneários, que ainda se prolongam através da muralha para fora dela, supõe Vergílio Correia e eu penso do mesmo modo, que estas termas não eram privativas de qualquer dono do magnífico palácio, mas sim de uso público e que até

Um aspecto do Palácio das Termas



Um aspecto do Palácio das Termas

Um aspecto do Palácio das Termas

o próprio palácio não era moradia particular, mas em combinação com os banhos, constituía um esplêndido e grandioso estabelecimento termal, tão favorecido, como aliás tôda a cidade, pelo abundante manancial de águas, que faziam do *oppidum* uma verdadeira *hidropolis*, quem sabe — a idéia é do ilustre professor V. Correia — uma repousante cidade de vilegiatura. Tinha tudo para isso. A ser assim não é de es-



Um tanque do Palácio Termal



O Hypocaustum

tranhar que no recinto termal — palácio e balneários — houvesse o *atrium*, as salas de espera, os salões de conversação, os jogos de palma ou de *spheristerium*, as galerias de colunatas, a *palæstra*.

Como se isto fôsse pouco, ainda havia um balneário mais pequeno, do lado de fora da muralha, encostado ao aqueduto. Consta de «2 piscinas com degraus, vizinhando com uma construção isolada, de corredor central ladeado por quatro câmaras absidais, sobre hipocausto, destinadas a banhos quentes». V. Correia considera-o um *balneum* público.



Hipocausto em hexágono

O sol era uma brasa sôbre a nossa cabeça e as cigarras, milhares e milhares, cantavam, até ensurdecer, a sua cantilena monótona e estrídula, pousadas nas oliveiras que circundam Conimbriga: há um meia sombra — a única — no Ninfeu. Sentámo-nos numa das pedras milenárias e o cérebro, estonteado, à solta, sem freio, foi atrás da fantasia.

Como Viollet-le-Duc, Edmond Paulin ou Abel Blouet, erguemos em imaginação o desenho

das nossas termas, com o seu palácio, colunatas e tetos, com as suas estatuetas e pinturas murais, e imaginámos a vida dum rico patrio luso-romano movendo-se no *Edifício Termal*, onde passava as horas mais agradáveis do dia. Acompanhado de amigos, e de servos ou escravos, que o ajudavam, principiava por despir-se no vestiário ou *Apodyterium*, com compartimentos especiais para se guardarem os fatos e as toalhas.

Depois entrava no *Laconicus*, espécie de estufa sêca, cujo calor alimentado pelo hipocausto subjacente, o obrigava a transpirar, operação reputada do maior proveito pelo grande Galeno.

Feita a *sudatio*, o nosso elegante Conimbrigense dirige-se para o *Caldarium* e aí toma o aprazível banho quente, depois do que vai arrefecer um pouco no *Tepidarium*, antes de des-



Balneario público ao lado do aqueduto

cer ou se atirar à piscina fria do *Frigidarium*, excitante e tonificante.

A este banho seguem-se, finalmente a massagem e a unção com óleos aromáticos no *Onctuarium* ou *Eloethesium*. Aí o nosso banhista estende-se ao comprido em leito apropriado

e o massagista, *alíptis* ou *onctoris*—faz-lhe massagens, ao mesmo tempo que lhe flecte os membros; seguem-se as fricções que o massagista realiza com as mãos munidas do *Strigile*; o *Alípilus* epila as axilas e por fim unta-o com óleos e essências cheirosas, contidas em chifres de touro ou de rinoceronte, e o rico patricio volta ao *Apodyterium* para terminar a *toilette*.

Antes de se retirar conversa na sala própria ou vai ler para a Biblioteca. Assim voaram as horas mais aprazíveis onde ao lado dos preceitos higiénicos não descurou os prazeres do espirito. Se antes do banho quis fazer ginástica ou algum desporto, como a palma ou a bola, não lhe faltou nem campo, nem recinto.

Se as coisas se não passaram bem assim, a culpa é... do sol e das cigarras.



O Ninféu

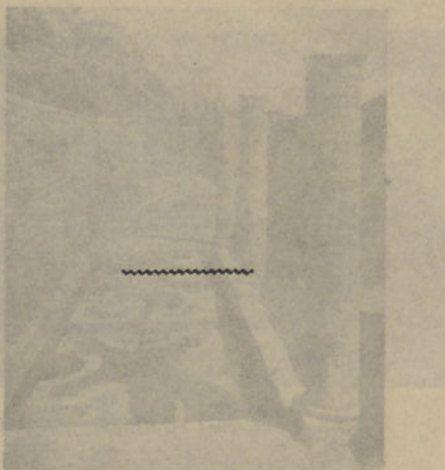
Acabada a visita à cidade luso-romana, eis-nos de volta à Emínió, à nossa Coimbra. Tam-



1329676948

bém se parou na Ladeira do Inferno. O espectáculo é inteiramente novo; o pintor é ainda o sol, mas as tintas são outras. O sol poente ilumina a cidade e arredores, banhando tudo em púrpura e ouro duma transparência única. É a apoteose da luz crepuscular. A hora é nostálgica. Todos nós nos lembramos da família, dos ausentes, dos mortos; os estrangeiros recordaram-se também do torrão distante. Quando voltámos para os carros já não havia aquela alegria gárrula da gente moça. Ou se havia, tinha o travo amargo da saudade.

E convencêmo-nos de que êles, os estrangeiros, ficaram sabendo o que é a saudade portuguesa...



Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.



1329678946

SR

